



EDITORIA DE CIÊNCIA /MEIO AMBIENTE DO JORNAL DO COMMERCIO: QUINZE ANOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA¹

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes^{2 3}

Resumo

Neste artigo, apresentamos um recorte dos resultados de um estudo que investigou o papel da comunicação científica desempenhado pelos três grandes jornais do Estado de Pernambuco [Jornal do Commercio (JC), Diário de Pernambuco (DP) e Folha de Pernambuco (FP)]. Aqui, o foco de nossa atenção é o JC, que em 1989 implantou a primeira editoria de Ciência/Meio Ambiente do Nordeste. A análise toma como base um levantamento quantitativo das matérias publicadas, no JC, no mês de maio de 2004. O panorama mostra que, embora tenha sido pioneiro em Pernambuco como impulsionador da divulgação científica, o JC vem relegando a importância do seu papel para a comunidade científica pernambucana. Em seus 15 anos de existência, foram muitas as perdas: o status de editoria, o espaço editorial e o número de repórteres. Apesar de tudo, resiste e, embora precariamente, continua a divulgar ciência e tecnologia.

Palavras-chave: pesquisa; divulgação; ciência; jornalismo

Introdução

O desenvolvimento científico e tecnológico, imprescindível para o progresso social, não compreende apenas um fluxo crescente de invenções e descobertas e sua aplicação na vida cotidiana das pessoas. Cada vez mais, a democratização do conhecimento se faz necessária para que a sociedade saiba dos benefícios e das conseqüências sociais, políticas e econômicas das pesquisas realizadas. Isso só pode ser feito através da divulgação desses conhecimentos entre os cientistas, por meio de publicações especializadas, e para o público de massa, por meio da grande imprensa. Nesse contexto, surgiu o jornalismo científico como uma prática especializada dentro do jornalismo.⁴

¹ Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista, Doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. isaltina@elogica.com.br

³ Este trabalho foi realizado com a colaboração do bolsista de Iniciação Científica Pibic/Facepe Diego A. Salcedo, graduando de Biblioteconomia da UFPE.

⁴ É necessário deixar claro que, em nossa concepção, jornalismo científico é uma das formas de divulgação científica. Conforme Gomes (2000), a difusão científica figura como um gênero que comporta as espécies disseminação científica e divulgação científica, subdividida em divulgação científica feita por especialistas e, por não-especialistas, onde se encontra inserido o jornalismo científico.



O surgimento da imprensa especializada em ciência possibilitou que um público mais amplo tivesse acesso a informações antes restritas a cientistas e seus pares. Ao transmitir, de maneira simples, novas idéias, conceitos e técnicas aos quais o grande público dificilmente teria acesso, o jornalismo científico se transformou em instrumento fundamental para a existência de uma sociedade mais democrática. Prenafeta (apud BRASIL, 1989, p.16) sugere que o jornalista deve estimular, orientar e conseguir apoio para colocar o público diante da grandeza da ciência, o que o levaria a participar não apenas “com os olhos e ouvidos, mas também com sua inteligência e talento criador”.⁵

Em entrevista à revista *Ciência Hoje* (VIEIRA, 1992, p.45), Roald Hoffmann – prêmio Nobel de Química de 1981 – observa que os cientistas têm um boa razão para disseminar o conhecimento científico: “quando as pessoas adquirem algum conhecimento científico, podem compreender melhor as decisões, o que é fundamental numa sociedade democrática. Caso contrário, poderão se tornar vítimas de demagogos e especialistas”. Anteriormente, Kneller (1980, p.268) também havia ressaltado a importância da divulgação da ciência e da tecnologia.

Devemos comunicar os resultados dos estudos sobre as conseqüências reais e potenciais da tecnologia ao público mais vasto possível e em termos facilmente entendidos pelo cidadão comum. As descobertas importantes devem ser analisadas e discutidas em termos críticos através de todos os meios disponíveis de comunicação. Se quisermos que a tecnologia seja usada criativamente para o benefício da humanidade como um todo, precisaremos de um público esclarecido e apto a avaliá-la imparcialmente... algo que não temos atualmente.

Ainda sobre a importância da divulgação científica, Vieira (1998, p.12) afirma que é uma forma de prestar contas à sociedade, mostrando como e onde as verbas públicas são usadas, pois, em geral “essa prestação de contas se limita a relatórios financeiros ou de atividade que, comumente, acabam engavetados em órgãos financiadores”.

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência, sendo vital tanto à sua sobrevivência quanto ao desenvolvimento de novos conhecimentos. Essa assertiva exige, portanto, que o conhecimento seja comunicado (MEADOWS, 1999). Vemos, portanto, que a movimentação das informações científicas para fora dos laboratórios

⁵ A opinião de Sérgio Prenafeta foi extraída de um debate entre jornalistas e cientistas publicado em Brasil (1989). A publicação é fruto do *I Curso de Especialização em Divulgação Científica* realizado na Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 1988.



tem por fundamento levar os conhecimentos científicos para além dos limites da comunidade onde são produzidos, para o público amplo, desprovido, em geral, dos conhecimentos teóricos e metodológicos de que a ciência lança mão em sua rotina de construção do saber. Além de democratizar o acesso a informações sobre ciência e tecnologia, o jornalismo científico contribui para a formação da opinião pública, levando a possíveis mudanças de atitudes.

Segundo Le Coadic (1996, p.27), “A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação, a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento”. O autor atribui à comunicação, tanto a direcionada a especialistas quanto a voltada para leigos, importante papel no desenvolvimento da ciência. Perspectiva semelhante assume Targino (s.d, p.39) ao lembrar a relação fundamentalmente dinâmica e interativa da ciência com a sociedade: “A ciência determina mutações sociais e, ao mesmo tempo, recebe da sociedade impactos que a (re)orientam em busca de novos caminhos, que lhe possibilitam responder a novas demandas e assumir novas prioridades” .

Nesse sentido, é importante enumerar os papéis desempenhados pela divulgação científica, segundo Krishman (1985 apud ALBAGLI, 1996):

- Educacional: ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e sua lógica, esclarecendo sobre a solução de problemas e estimulando a curiosidade científica;
- Cívico: desenvolvimento de uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico na sociedade;
- Mobilização popular: ampliar a possibilidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas (ex: alternativas energéticas).

A crescente inserção socioeconômica da ciência pressupõe a aceitação do caráter benéfico da atividade científica e suas aplicações. Amplia-se, com isso, o interesse em melhor conhecer e controlar o que se faz em ciência e o que dela resulta. A evolução da divulgação científica está intimamente ligada, portanto, à infiltração da ciência na esfera pública.

Neste *paper*, o foco de nossa atenção é o papel da divulgação científica desempenhado pelo *Jornal do Commercio* (JC), do Recife, que em 1989 implantou a



primeira editoria de *Ciência e Meio Ambiente* (CMA) do Nordeste. Para complementar o panorama, fizemos um levantamento quantitativo das matérias publicadas, em CMA, no mês de maio de 2004.

O Tratamento Editorial da Ciência no JC

No Brasil, a infiltração da ciência na esfera pública tomou corpo na década de 80, quando o mercado editorial deu um grande impulso ao jornalismo científico. A tendência à abertura de espaços para a divulgação da ciência pôde ser verificada tanto no âmbito das revistas, com o lançamento de *Ciência Hoje* (CH), *Globo Ciência* (atual *Galileu*) e *Superinteressante*, quanto na imprensa diária – quando grandes jornais do país criaram seções específicas e, até mesmo, editorias especializadas em jornalismo científico.

Pesquisa realizada em 1984 concluiu que os quatro principais jornais diários do Brasil – *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* – reservavam, em média, 6,5% do seu espaço editorial para estes assuntos (CHAPARRO, 1993). No início de 90, a FSP chegou a publicar, além da página diária, um suplemento semanal de ciência. Pernambuco acompanhou essa tendência com o lançamento, em junho de 1989, da editoria *Ciência/Meio Ambiente*, no JC, que mantinha uma equipe de repórteres dedicada à produção de matérias sobre ecologia, ciência e tecnologia, publicadas diariamente.

Até então, as matérias sobre ciência eram veiculadas dentro do noticiário tradicional, tratadas de maneira superficial, à exceção de alguns artigos ou reportagens eventuais mais aprofundadas. A editoria de CMA veio dar uma força bastante significativa à comunidade científica, mostrando aos leitores a relevância de pesquisas desenvolvidas no Estado.

De acordo com Antonio Portela, o primeiro editor de CMA, inicialmente, chegou-se a pensar em alternar Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia. Mas, logo, percebeu-se que não daria certo, pois a alternância envelheceria as notícias de ambos. Daí a reunião em *Ciência/Meio Ambiente* (CAVALCANTI, 1993). Em 1993, Portela dizia que ainda experimentava o tratamento editorial da cobertura de ciência:

Tentamos imprimir à página uma filosofia. Na medida que tínhamos um canal de comunicação com a sociedade, representada pela fração de leitores da nossa página, deveríamos procurar conquistá-la para transmitir-lhe um



conhecimento que pudesse ser útil à sua qualidade de vida. Jornalisticamente, precisaríamos usar uma linguagem cientificamente acessível - ou acessivelmente científica? Tanto faz - para atrair o leitor. Escreveríamos, pois, para o grande público, mas sem jamais perder a exatidão. (apud CAVALCANTI, 1993, p.10)

CMA procurava, assim, utilizar as regras genéricas do jornalismo, lançando mão de uma linguagem voltada para o leitor medianamente esclarecido e não para o especialista. Outra característica era a preferência à notícia local. Para Portela, a escolha dos assuntos deveria obedecer, sobretudo, ao critério da origem da notícia. Na medida do possível, primeiro as notícias locais, depois as de fora: “Afinal, mesmo a ciência não tendo pátria, o JC é daqui e teríamos de dar prioridade à produção científica local” (apud CAVALCANTI, 1993, p.10). Segundo Portela, embora a editoria tenha oferecido uma cobertura razoável de praticamente todas as áreas científicas de Pernambuco, as limitações de pessoal não permitiram realizar nem de longe o ideal.

Na década de 90, o JC, a exemplo de outros jornais brasileiros, sentiu na pele os efeitos do agravamento da crise econômica que assolava o País.⁶ A redução de repórteres na redação, o alto custo do papel e a baixa demanda de anúncios publicitários em CMA, muitas vezes, chegaram a ameaçar a extinção da editoria. Isso só não ocorreu de imediato devido à pressão da comunidade científica local. Em contrapartida, houve uma redução no espaço editorial, bem como o crescimento de matérias de agências de notícias.

Finalmente, em março de 1994, começou o que há muito já se havia anunciado. CMA foi “rebaixada” a uma subeditoria de *Brasil*. Dessa forma, a subeditoria passou a contar apenas com o subeditor e um repórter. Em novembro de 1996, CMA passou a ser uma subeditoria de *Cidades* e, finalmente, em dezembro de 2001, a subeditoria perdeu ainda mais sua força, passando a ser apenas um setor da editoria *Cidades*. O único repórter que cobria a área passou também a cumprir pautas de *Cidades* nos finais de semana, significando uma maior redução para a cobertura de ciência, tecnologia e meio ambiente.

⁶ Segundo Chaparro (1993), no início da década de 90, o suplemento semanal de ciência da *Folha de S. Paulo* foi reduzido a duas páginas publicadas no caderno *Mais*, de arte e cultura, que sai aos domingos, e a página diária virou meia-página, quando aparecia. No *Estado de S. Paulo*, as notícias saíam numa página publicada aos sábados e, eventualmente, no noticiário diário da editoria Geral. *O Globo* e o *Jornal do Brasil* mantiveram uma página diária, mas normalmente esse espaço passou a ser ocupado por material do exterior.



Vale ressaltar que desde que foi levantada a hipótese de fechamento de CMA, os profissionais que atuavam na editoria lutavam para não deixar o espaço desaparecer do JC. Uma das estratégias foi o lançamento, em janeiro de 1996, da seção *De Olho na Ciência*, publicada aos domingos. Nela, pesquisadores e professores de instituições de pesquisa de Pernambuco e de outros estados respondiam a perguntas sobre curiosidades científicas enviadas à redação do JC. Apesar do sucesso, principalmente entre estudantes do 2º grau, a seção foi extinta em 2003, e um dos motivos foi a sobrecarga de trabalho para o único repórter responsável pelo setor.

Para avaliar como está atualmente a divulgação da informação científica no JC, realizamos um levantamento quantitativo das matérias publicadas durante o mês de maio de 2004, o que nos apontou dados que merecem ser comentados.

Um fato que nos chamou a atenção foi a redução drástica do espaço para a cobertura de ciência, tecnologia e meio ambiente, se comparada à época em que a editoria foi criada. Nos três primeiros anos de CMA, eram publicadas, no mínimo, duas matérias por dia. Nos finais de semana, a quantidade era bem maior, chegando a ocupar duas páginas do caderno *Cidades*. Hoje CMA ocupa, no máximo, meia página. Em maio de 2004, período em que foi realizado o levantamento, foram publicadas 27 matérias (conforme *quadro 1*), todas na página de CMA.⁷ Em cinco dias do mês (03, 10, 17, 23 e 24), não foram publicadas matérias de divulgação científica. Por outro lado, foram publicadas duas matérias em três dias do mês (08, 18 e 19).

Quadro 1 – Matérias Publicadas em CMA em Maio de 2004

DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA MATÉRIA
01/05/2004	Eclipse cobrirá a Lua Terça
02/05/2004	Estado ganha novo observatório
04/05/2004	Eclipse da Lua será visto hoje
05/05/2004	Tempo nublado impede observação de eclipse
06/05/2004	Lençol d'água sofre rebaixamento
07/05/2004	Renovação de licença de fazenda contraria MPF
08/05/2004	Contaminação se dá antes de transfusão
08/05/2004	CPRH e Ibama serão citados por Ministério Público Federal

⁷ Esclarecemos que neste estudo as notas publicadas em CMA, geralmente oriundas de agências de notícias, não foram contabilizadas.



09/05/2004	Portal de bioética será lançado em congresso
11/05/2004	Dengue aumenta com a seca
12/05/2004	Portal dá acesso a 20 mil títulos
13/05/2004	China fará nova missão tripulada
14/05/2004	Estudo da UFPE revela comércio ilegal de dente
15/05/2004	Agrotóxicos contaminam acerola
16/05/2004	Professora recompõe floresta
18/05/2004	Ibama apreende 576 aves em feiras livres
18/05/2004	Descoberto fungo que retira metais pesados do ambiente
19/05/2004	Antidepressivos causam retardo
19/05/2004	Pacto tenta salvar mata atlântica do nordeste
21/05/2004	Consema aprova regras para criação de camarão
22/05/2004	Criado aparelho de cibertelepatia
25/05/2004	Rede de Pós-graduação integra Universidades
26/05/2004	Livro descreve plantas da Bíblia
27/05/2004	Atlas revela situação de floresta
28/05/2004	Constatada redução de agrotóxico em morango
29/05/2004	Droga contra filariose sem efeito
30/05/2004	Ibama cria corredores ecológicos

O levantamento também revela que mais da metade dessas matérias não teve como gancho pesquisas, mas fatos relevantes em nível, local, nacional ou internacional que, de alguma forma, diziam respeito à ciência ou ao meio ambiente. Esse é o caso de *Eclipse cobrirá a Lua terça; Estado ganha novo observatório; Eclipse da Lua será visto hoje; Lençol d'água sofre rebaixamento; Renovação de licença de fazenda contraria MPF; CPRH e Ibama serão citados por Ministério Público Federal; Ibama apreende 576 aves em feiras livres; Constatada redução de agrotóxico em morango; Consema aprova regras para criação de camarão; Ibama cria corredores ecológicos*, entre outras. Observe-se o quadro 2.

Quadro 2- Matérias Factuais x Matérias sobre Pesquisas

	<i>Percentual</i>
Matérias factuais	59,26 %
Matérias sobre Pesquisas	40,26 %

Esses dados vêm comprovar que, por estar sob a coordenação da editoria de *Cidades*, CMA coloca em segundo plano a divulgação de pesquisas científicas,



principalmente se levarmos em consideração o fato de existirem em Pernambuco diversas instituições de pesquisa, qualificadas como centros de excelência, e centenas de pesquisas de qualidade ainda não divulgadas. Outro dado importante é o fato de CMA privilegiar a área de Ciências Biológicas. No mês analisado, verificamos que essa área teve uma incidência de 33,33%; seguida por Ciências Exatas e da Terra (25,93%); Ciências da Saúde e Ciências Agrárias (14,81% cada); Ciências Sociais Aplicadas (7,41%) e Engenharias (3,71%). As áreas de Ciências Humanas e Lingüística, Letras e Artes não foram abordadas em maio de 2004 (v. quadro 3). Compreende-se que esse privilégio se deve justamente ao fato de CMA tentar equilibrar matérias sobre meio ambiente e ciência e tecnologia.

Quadro 3 – Matérias por Área do Conhecimento - Maio de 2004

Área do Conhecimento	Percentual
Ciências Agrárias	14,81 %
Ciências Biológicas	33,33 %
Ciências da Saúde	14,81 %
Ciências Exatas e da Terra	25,93 %
Ciências Humanas	0 %
Ciências Sociais Aplicadas	7,41 %
Engenharias	3,71 %
Lingüística, Letras e Artes	0 %

É interessante observar que mesmo matérias originadas em textos de agências de notícias são repercutidas localmente. Ou seja, são entrevistados pesquisadores pernambucanos para complementar ou reforçar informações. Esse foi o caso, por exemplo, das três matérias sobre o eclipse da Lua, publicadas nos dias 01, 04 e 05 de maio, em que foram entrevistados especialistas locais. Como o assunto era factual, também foram usados depoimentos de pessoas do povo sobre a expectativa em relação ao fenômeno. Evidentemente, há exceções, como, por exemplo, a matéria *China fará nova missão tripulada*, publicada no dia 13 de maio, que foi totalmente baseada em texto de agência de notícia.



Considerações Finais

É patente o papel que o *Jornal do Commercio* desempenhou para a divulgação científica em Pernambuco. A partir da criação da editoria de *Ciência/Meio Ambiente*, em 1989, observou-se um movimento bastante positivo tanto em outros veículos de comunicação, com a inserção cada vez mais freqüente de matérias sobre pesquisas locais em seus noticiários, como nos cursos de jornalismo no sentido de valorizar a ciência e o jornalismo científico. Um marco dessa valorização se deu na 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) durante a qual 17 alunos da disciplina Jornalismo Científico, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, participaram da cobertura, feita em conjunto com CMA, o que gerou, durante uma semana, um caderno especial sobre a reunião. Além disso, diversos trabalhos de final de curso e Iniciação Científica foram produzidos sobre o assunto. Também não podemos deixar de citar o fato de que muitos dos profissionais que atuam hoje em dia nas assessorias de instituições de pesquisa e universidades se voltaram para essa área a partir das sementes plantadas naquela época.

Mas, o rápido panorama que fizemos a partir do levantamento do que foi publicado em maio de 2004 em CMA serviu para mostrar que, embora tenha sido pioneiro em Pernambuco como impulsionador da divulgação científica no Estado, o JC vem relegando a importância do seu papel para a comunidade científica pernambucana. Em seus quinze anos de existência, foram muitas as perdas para CMA. Além de ter perdido o status de editoria, foram reduzidos o espaço editorial e o número de repórteres. Apesar de tudo, CMA resiste e, embora precariamente, continua a divulgar ciência e tecnologia.

Acreditamos, portanto, que, atualmente, o papel social do *Jornal do Commercio* na divulgação do conhecimento científico produzido no Estado de Pernambuco é insuficiente, principalmente se tomarmos como parâmetro a quantidade de pesquisadores e pesquisas realizadas no Estado. Não obstante, é patente o papel do de CMA, do JC, que apesar das dificuldades resiste e, embora precariamente, continua a divulgar ciência e tecnologia. Leitores para o assunto existem, o que falta é uma maior sensibilidade das empresas de comunicação para a importância de se investir na divulgação científica.



Referências bibliográficas

- ALBAGLI, S. Divulgação Científica: informação científica para a cidadania? *Ciência da Informação*, Brasília: IBICT, 1996, vol. 25, n. 3, p. 396 – 404.
- BRASIL, Secretaria Especial de Ciência e Tecnologia. *Guia Prático para Camelôs e Bailarinas: debate sobre Jornalismo Científico*. Brasília: [s.n.], 1989.
- CAVALCANTI, F. *Jornalistas e Cientistas: Os entraves de um diálogo*. Monografia (graduação). Recife: UFPE, 1993.
- CHAPARRO, M. C. *Jornalismo Científico Vive Fase de Contradição no Brasil*. (Relatório de Pesquisa). São Paulo: [s.n.], 1993, 18 p.
- GOMES, I. M. A. M 2000. *A Divulgação Científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais*. Tese (doutorado). Recife: UFPE, 2000.
- KNELLER, G. F. *A Ciência como Atividade Humana*. Rio de Janeiro; São Paulo: Zahar/Edusp, 1980.
- LE COADIC, Y-F. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.
- MEADOWS, A. J. *A Comunicação científica*. Brasília [DF]; Briquet de Lemos, 1999.
- TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. *Informação & Sociedade*. João Pessoa: UFPB, [19__], v. 10, n. 2, p. 37-85.
- VIEIRA, C. L. A Responsabilidade de Divulgar Ciência. *Ciência Hoje*. 82:45, 1992.
- VIEIRA, C. L. *Pequeno Manual de Divulgação Científica: dicas para cientistas e divulgadores de Ciência*. São Paulo: CCS/USP, 1998.